

Frans Krajcberg

REENCONTRAR
A ÁRVORE

**Texto da exposição
em fonte ampliada**

Português

SUMÁRIO

| | |
|---|-------|
| Texto de abertura..... | p.8 |
| Mapa do espaço expositivo..... | p.13 |
| | |
| Texto da Parede 1..... | p.14 |
| Mapa da Parede 1..... | p.16 |
| <i>Fleurs [Flores]</i> , década de 1960..... | p.16 |
| <i>Sem título</i> , década de 1960..... | p.17 |
| <i>Flores</i> , 1967..... | p. 17 |
| <i>Sem título</i> , 1968..... | p. 17 |
| <i>Sem título</i> , 1974..... | p. 17 |
| <i>Sem título</i> , 1974..... | p. 18 |
| <i>Sem título</i> , 1974..... | p. 18 |
| | |
| Texto da Parede 2..... | p.19 |
| Mapa da Parede 2..... | p.21 |
| <i>Floração</i> , 1968..... | p.21 |
| <i>Barba branca</i> , década de 1970..... | p.22 |

| | |
|---|------|
| <i>Paineira</i> , década de 1970..... | p.22 |
| <i>Raízes</i> , sem data..... | p.22 |
| <i>Sem título</i> , década de 1980..... | p.22 |
| <i>Sem título</i> , década de 1980..... | p.23 |
| <i>Sem título</i> , sem data..... | p.23 |
| | |
| Texto da Parede 3..... | p.24 |
| Mapa da Parede 3..... | p.26 |
| <i>Sombra IV</i> , década de 1980..... | p.26 |
| <i>Sombra VII</i> , década de 1980..... | p.27 |
| <i>Sem título</i> , década de 2000..... | p.27 |
| <i>Terrosa</i> , década de 1990..... | p.27 |
| <i>Relevo vermelho</i> , sem data..... | p.27 |
| <i>Sem título</i> , sem data..... | p.28 |
| <i>Sombras</i> , 2011..... | p.28 |
| | |
| Mapa da Base de Esculturas.... | p.29 |
| <i>A flor do mangue</i> , <i>circa</i> 1970..... | p.29 |
| Texto: <i>Gordinhos</i> , década de 1980..... | p.31 |

| | |
|--|------|
| <i>Sem título (Gordinho)</i> , década de 1980..... | p.32 |
| <i>Sem título (Gordinho)</i> , década de 1980..... | p.32 |
| <i>Sem título</i> , década de 1980..... | p.33 |
| Texto: <i>Bailarinas</i> , década de 1980..... | p.33 |
| <i>Sem título (Bailarina)</i> , década de 1980..... | p.34 |
| <i>Sem título (Bailarina)</i> , década de 1980..... | p.35 |
| <i>Sem título</i> , década de 1980..... | p.35 |
| <i>Sem título</i> , década de 1970..... | p.35 |
| <i>Sem título</i> , 1972..... | p.36 |
| | |
| Texto da Parede 4..... | p.38 |
| Mapa da Parede 4..... | p.40 |
| <i>Folhas</i> , 1955..... | p.40 |
| <i>Sem título (Samambaia)</i> , 1955..... | p.41 |
| <i>Sem título (Samambaia)</i> , 1955..... | p.41 |
| <i>Abstração</i> , 1957..... | p.41 |
| <i>Sem título</i> , 1957..... | p.42 |
| <i>Sem título</i> , 1959..... | p.42 |

| | |
|--|-------------|
| Texto da Parede 5..... | p.43 |
| Mapa da Parede 5..... | p.45 |
| Sem título (Relevo), 1961..... | p.45 |
| Sem título (Relevo), 1961..... | p.46 |
| Relevo, 1963..... | p.46 |
| Sem título (Relevo), 1961..... | p.46 |
| Sem título, década de 1960..... | p.47 |
| Sem título, década de 1960..... | p.47 |
| Sem título, década de 1960..... | p.47 |
| Sem título, década de 1960..... | p.48 |
| Sem título, década de 1960..... | p.48 |
| Sem título, 1964..... | p.48 |
| Sem título, 1964..... | p.48 |
| Sem título, década de 1960..... | p.49 |
| Sem título, década de 1970..... | p.49 |
| | |
| Texto da Parede 6..... | p.50 |
| Mapa da Parede 6..... | p.52 |
| Sem título, 1976..... | p.52 |
| Sem título, 1972..... | p.53 |

| | |
|---|------|
| <i>Sem título (Relevo)</i> , década de 1980..... | p.53 |
| <i>Sem título</i> , 1981..... | p.53 |
| <i>Sem título</i> , 1987..... | p.54 |
| <i>Sem título</i> , década de 1980..... | p.54 |
| <i>Sem título</i> , 1991..... | p.54 |
| Texto da Vitrine..... | p.55 |

FRANS KRAJCBERG: REENCONTRAR A ÁRVORE

Pioneiro na integração entre arte e meio ambiente, Frans Krajcberg (1921-2017) foi uma figura fundamental na arte do século 20. Seu interesse pela natureza, que se tornaria seu espaço de trabalho, desdobrou-se em seu ativismo ecológico. De origem judaica, Krajcberg nasceu em Kozienice, na Polônia, e perdeu sua família durante a Segunda Guerra Mundial. O trauma o levou a deixar seu país natal e chegar ao Brasil em 1949—ele naturalizou-se brasileiro em 1957. Entre períodos na Europa, na década de 1970, passou a viver no litoral sul da Bahia, no seu Sítio Natura, em Nova Viçosa, em meio à Mata Atlântica. A consciência ecológica de Krajcberg intensificou-se conforme viajava pelos diversos biomas do território brasileiro, ampliando

as possibilidades materiais de seu trabalho. Na região amazônica, testemunhou queimadas e o horror da devastação ambiental. A partir de então, troncos de madeira e outros resquícios que coletava nesses locais se tornaram protagonistas de sua obra.

Krajcberg construiu, ao longo de mais de seis décadas, uma obra absolutamente singular, com rigor formal escultórico e pictórico, tridimensional ou bidimensional, trabalhando a partir de resquícios de troncos, cipós, raízes e madeira, e articulando arte, natureza e ativismo. *Frans Krajcberg: reencontrar a árvore* é a primeira exposição dedicada ao artista no MASP e é dividida em sete núcleos, percorrendo mais de cinco décadas de sua produção e incluindo pinturas, quadros de terra e pedra, gravuras, relevos, florações, sombras e esculturas.

O subtítulo da mostra é retirado de uma fala de Krajcberg em uma conversa com o crítico Pierre Restany (1930-2003) e com o artista Sepp Baendereck (1920-1988) durante uma viagem à Amazônia em 1978, que resultaria na publicação do *Manifesto do rio Negro*, que propunha uma nova relação entre arte e natureza: “Se Mondrian passou da árvore ao quadrado, ele apenas aproveitou uma das possibilidades da árvore. Agora, nós devemos quebrar o quadrado para *reencontrar a árvore*”.

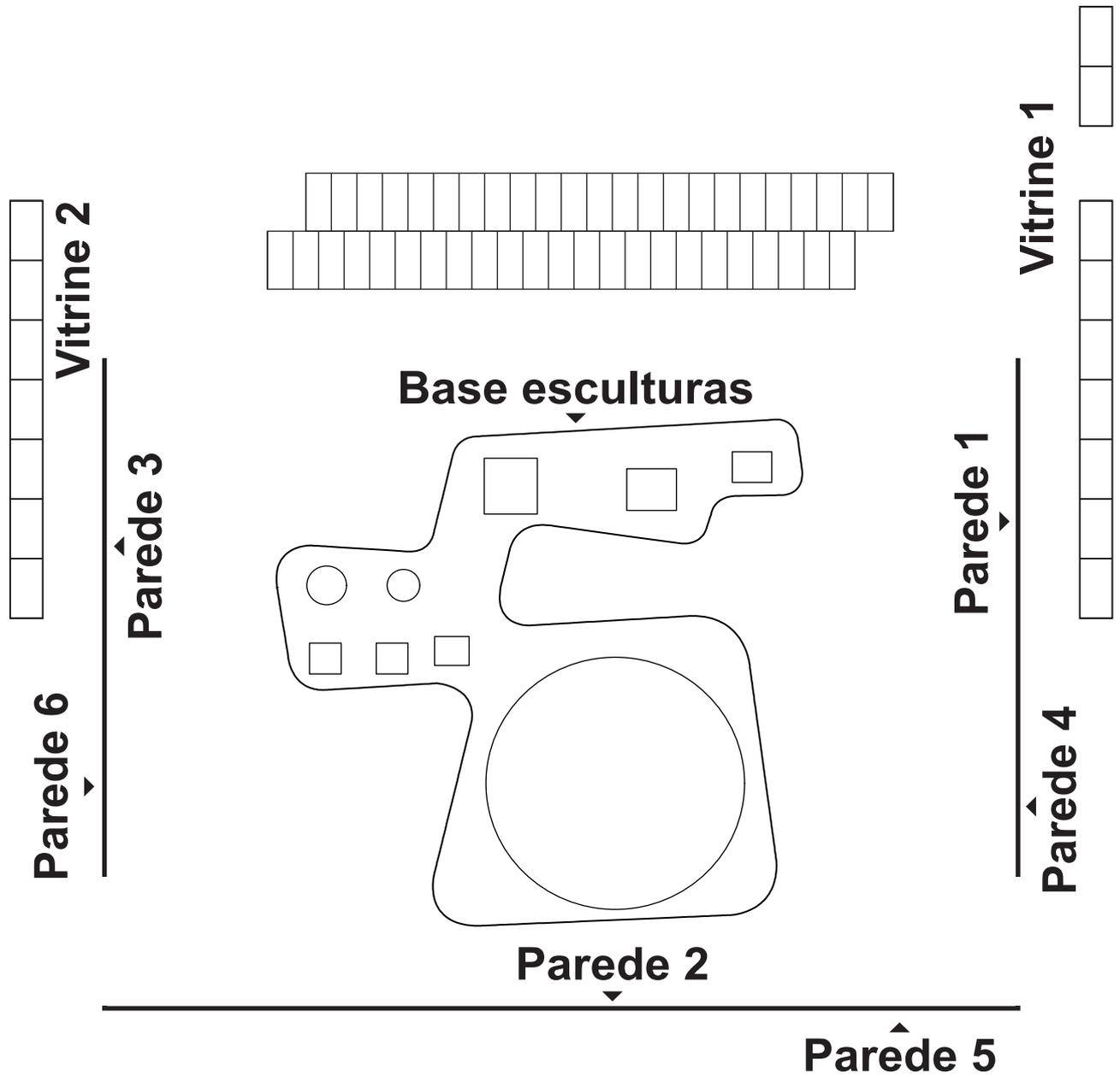
Expressando sua indignação e sua revolta, Krajcberg cumpriu um papel central em denunciar o drama ambiental vivido no Brasil. O artista dedicou-se por inteiro à natureza, produzindo um corpo de obra cada vez mais pertinente no contexto da crise climática que vivemos hoje.

Frans Krajcberg: reencontrar a árvore é curada por Adriano Pedrosa, diretor artístico, e Laura Cosendey, curadora assistente. A exposição integra o ano dedicado às *Histórias da ecologia*, que inclui mostras monográficas de Abel Rodríguez, Clarissa Tossin, Claude Monet, Hulda Guzmán, Minerva Cuevas, Mulheres Atingidas por Barragens, Taniki Yanomami, além da coletiva *Histórias da ecologia*, bem como mostras na Sala de Vídeo de Emilija Škarnulytė, Inuk Silis Høegh, Janaina Wagner, Maya Watanabe, Tania Ximena e Vídeo nas Aldeias.

Desde 2019, o MASP tem um grupo de trabalho de sustentabilidade e desenvolve ações como descarbonização, compra de energia renovável e um programa de gestão de resíduos, iniciativas que, em 2025, somam-se à programação das *Histórias da ecologia*. O novo edifício Pietro Maria

Bardi também incorpora soluções sustentáveis e, por isso, conquistou a certificação Leadership in Energy and Environmental Design (LEED).

MAPA DO ESPAÇO EXPOSITIVO



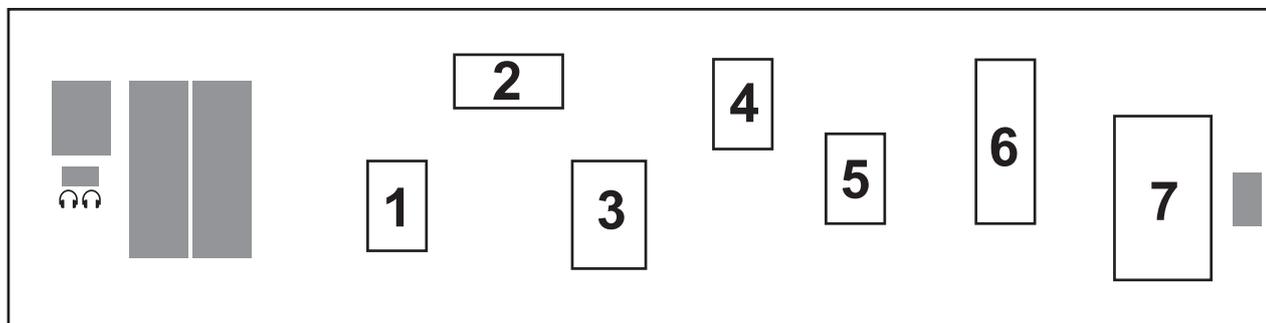
TEXTO DA PAREDE 1

FLORES E SOMBRAS

Após temporadas na Europa, Krajcberg retornou ao Brasil e se instalou na região de Itabirito, em Minas Gerais, em 1964. Krajcberg encantou-se pela gama de tons terrosos e vermelhos oferecidos pela paisagem montanhosa. Improvisou um ateliê ao pé da mina de Cata Branca e coletava elementos da natureza do entorno. Lá, descobriu as raízes e os nós de madeira que passou a usar em suas *Florações*. Essas estruturas resultam de uma deformação natural provocada pela infestação de um parasita em espécies endêmicas do Cerrado, que transforma ramificações de galhos em protuberâncias — um fenômeno que o artista apelidou de “câncer da madeira”. Nessas obras, Krajcberg provoca fundamentos tradicionais

da pintura: as flores de madeira expandem-se como se brotassem da superfície plana, rompendo a moldura de uma pintura. Levando esses elementos consigo para Paris, a rotina de trabalho em um espaço fechado despertou seu olhar para o volume das flores de madeira desenhava nas paredes do ateliê, instigado pelas sombras que projetavam. Passou a demarcar também as áreas ocupadas pelas sombras ao painel no qual os elementos naturais eram afixados, técnica que elaboraria incessantemente nas décadas seguintes. Essa pesquisa dedicada aos limites da forma, rompendo as divisões entre o bidimensional e o tridimensional, perduraria na produção do artista. Inicialmente coincidentes às projeções dos elementos agrupados, o artista também passou a contrapor as flores a geometrias mais rígidas, contrastando com a organicidade dos elementos naturais.

MAPA DA PAREDE 1



FRANS KRAJCBERG

1. *Fleurs* [Flores], década de 1960

Pigmento natural sobre madeira

Paulo Kuczynski Galeria de Arte, São Paulo

2. *Sem título*, década de 1960

Pigmento sobre madeira

Coleção particular

3. *Flores*, 1967

Acrílica sobre madeira

Coleção Rose e Alfredo Setubal, São Paulo

4. *Sem título*, 1968

Madeira policromada

Coleção Julio Rego Filho, São Paulo

5. *Sem título*, 1974

Pigmento sobre madeira

Paulo Kuczynski Galeria de Arte, São Paulo

6. *Sem título*, 1974

Pigmento sobre madeira

Coleção particular

7. *Sem título*, 1974

Pigmento sobre madeira

Coleção particular

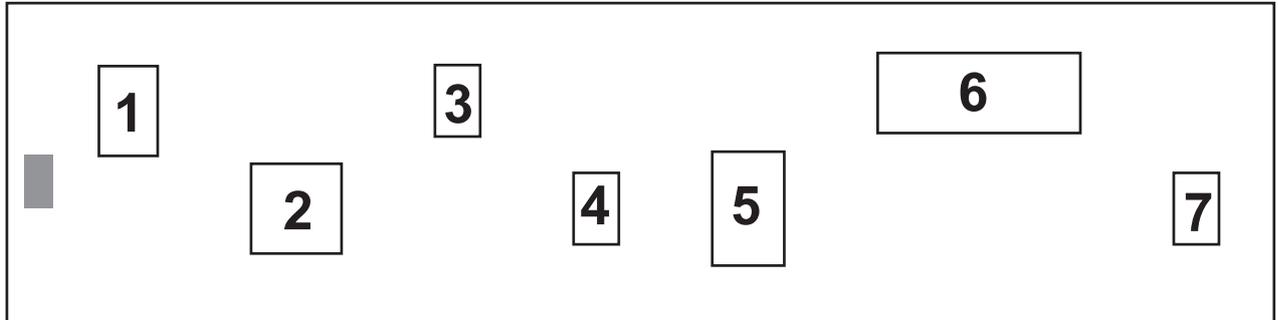
TEXTO DA PAREDE 2

FORMAS NATURAIS

As *Sombras* tornaram-se como uma das pesquisas mais duradouras da prática artística de Krajcberg, surgem como um desdobramento natural do trabalho com as *Florações*, articulando a experiência imersiva na paisagem ao processo em ateliê. De início, a espontaneidade das formas orgânicas são postas em contraste com geometrias mais rígidas ao fundo. É notável como a diversidade dos elementos naturais se expande a partir dos anos 1970, conforme Krajcberg conhecia outras regiões do Brasil e passou a viver no litoral da Bahia, no seu Sítio Natura. Mais do que se apropriar das formas naturais, o artista reconhece sua unicidade e seu verdadeiro protagonismo em suas obras: “a natureza

cria mais do que eu”. Variados tipos de cipós trançados e fibras de piaçavas em chumaços traçam linhas delicadas, projetando-se para o espaço tridimensional. As *Sombras* desafiam um entendimento mais rígido dos limites entre a escultura, o relevo e o pictórico, entre a linha e o tridimensional. Espécies vegetais se misturam, se fundem, reunidas pela pintura monocromática. Sua arte não busca representar a natureza, e sim lhe dar voz própria. Com suas *Sombras*, Krajcberg produziu um repertório infinito de formas e texturas, refletindo a exuberância e a biodiversidade do território brasileiro.

MAPA DA PAREDE 2



FRANS KRAJCBERG

1. *Floração*, 1968

Pigmento sobre madeira

Coleção Fernanda Feitosa e Heitor Martins,
São Paulo

2. *Barba branca*, década de 1970

Pigmento sobre madeira

Coleção Max Perlingeiro, Rio de Janeiro

3. *Paineira*, década de 1970

Pigmento sobre madeira

Coleção Max Perlingeiro, Rio de Janeiro

4. *Raízes*, sem data

Pigmento sobre madeira

Paulo Darzé Galeria, Salvador

5. *Sem título*, década de 1980

Pigmento sobre madeira

Coleção Marcos Amaro, São Paulo

6. *Sem título*, década de 1980

Pigmento sobre madeira

Coleção Marcos Amaro, São Paulo

7. *Sem título*, sem data

Pigmento sobre madeira

Coleção Neide Helena de Moraes, São Paulo

TEXTO DA PAREDE 3

MADEIRA REMANESCENTE

Krajcberg manteve sua metodologia de trabalhar a partir de pedaços da natureza como resquícios de troncos, cipós, raízes e madeira residual.

Entre 1984 e 1987, realizou viagens à região do Juruena, ao norte do Mato Grosso, onde teve contato direto com regiões devastadas pelo fogo.

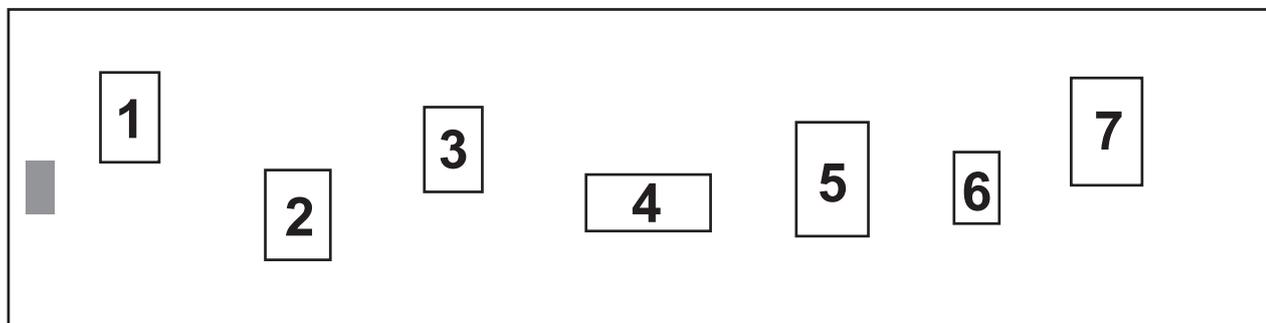
A madeira crua começa a aparecer em obras desse período. Suas formas tornam-se cada vez mais orgânicas, rejeitando qualquer geometria.

São centrais em sua obra dos anos 1980 as esculturas autoportantes. Os troncos não apenas são incorporados como fragmentos e resíduos, mas tornando-os um elemento estrutural de seus trabalhos. O artista provoca, assim, a coincidência entre a matéria-prima e o objeto

representado — a obra é a árvore. Mantendo a atenção aos efeitos de suas sombras, incorpora fragmentos de contornos ainda mais explosivos e orgânicos, projetando-se como vísceras.

Desenvolveu, ainda, técnicas para calciná-las, manipulando o uso do fogo para marcá-las, reforçando seus contornos. Em sua obra mais tardia, já nos anos 2000, formas semelhantes a líquens desabrocham como flores. Os tons de verde e branco, em contraste com o vermelho, aludem a uma vida resiliente, como se fossem estruturas pulmonares.

MAPA DA PAREDE 3



FRANS KRAJCBERG

1. *Sombra IV*, década de 1980

Pigmento sobre madeira

Coleção Ary Casagrande, São Paulo

2. *Sombra VII*, década de 1980

Pigmento sobre madeira

Coleção Ary Casagrande, São Paulo

3. *Sem título*, década de 2000

Pigmentos naturais sobre madeira queimada

Coleção Cida e Gustavo Teixeira, Goiânia

4. *Terrosa*, década de 1990

Pigmento sobre cipó e madeira

Simões de Assis, São Paulo

5. *Relevo vermelho*, sem data

Pigmentos sobre madeira

Coleção Daniela e Alfredo Villela, São Paulo

6. *Sem título*, sem data

Madeira policromada

Coleção particular, São Paulo

7. *Sombras*, 2011

Madeira policromada com pigmentos naturais

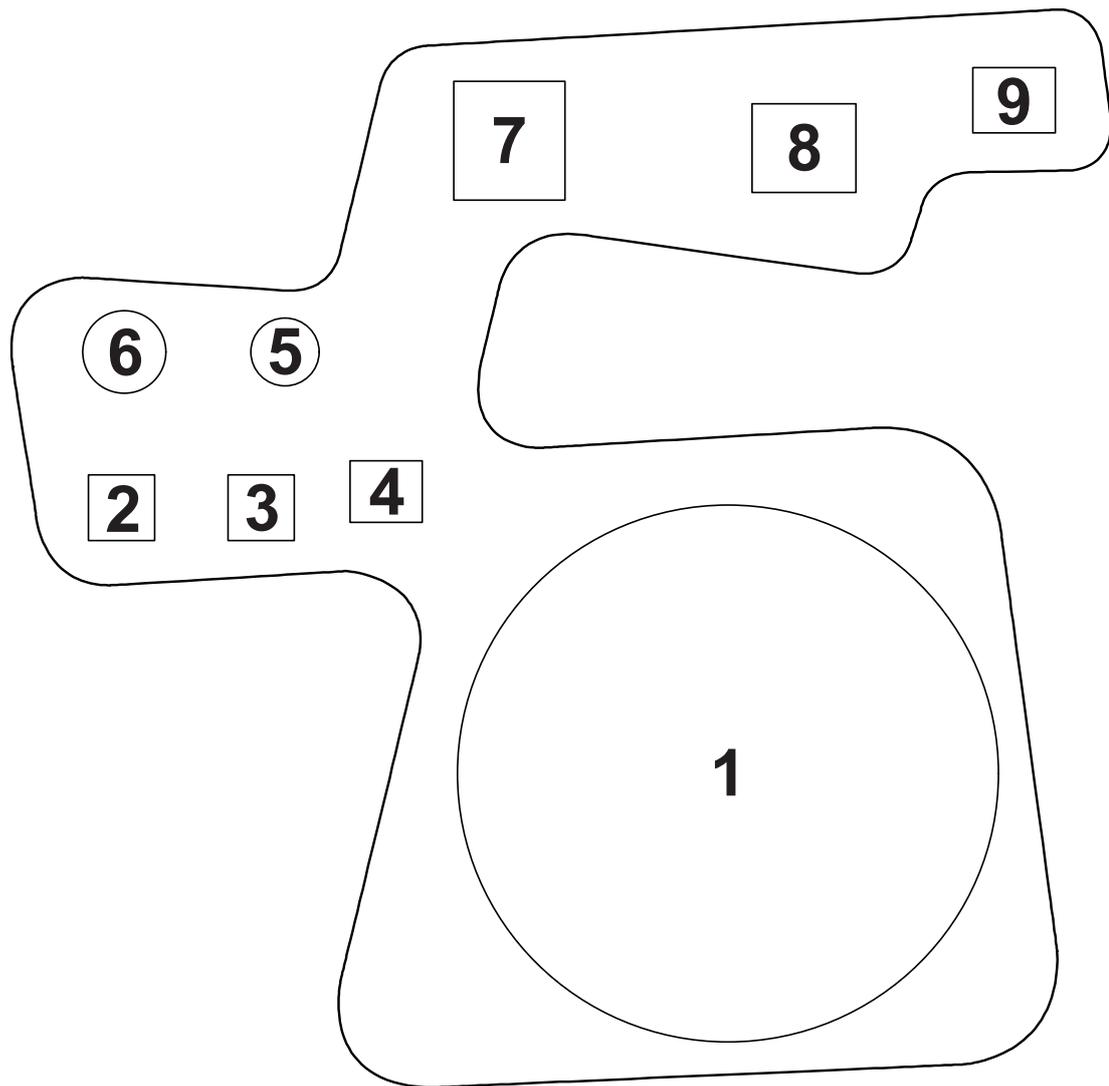
Museu de Arte do Rio (MAR), Secretaria

Municipal de Cultura da cidade do Rio de

Janeiro, doação Márcia e Fernando Barrozo

do Amaral

BASE ESCULTURAS



1. *A flor do mangue*, circa 1970

Piche sobre madeira residual de mangue
Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da
Bahia (IPAC), Salvador, Brasil

Quando Krajcberg passou a viver no seu Sítio Natura, no litoral da Bahia, deparou-se com as formações vegetais características das áreas costeiras: os manguezais. As raízes aéreas dessas espécies nativas tornaram-se um elemento que se desdobrou em algumas de suas obras mais icônicas. Como se acabasse de desabrochar de um ecossistema pulsante e biodinâmico, simultaneamente monstruosa e delicada, *A flor do mangue* se destaca por sua forma ramificada orgânica, como um ser vivo. As extensões radiais expandem-se a partir do seu topo de seu eixo central, modelando uma forma vazada que evoca a fluidez e a organicidade da flora mangueira, remetendo à imagem de uma corola com pétalas ao seu redor. Suas estruturas curvas, distribuídas como se fossem pernas, trazem leveza para a sua presença imponente, enquanto superfície a enegrecida acentua o estranhamento de sua corporeidade.

Gordinhos, década de 1980

É notável a qualidade de presença que a obra de Krajcberg assume a partir dos anos 1980, quando passa a incorporar uma nova variedade vegetal. Troncos inteiros passam a ser protagonistas. As macaúbas — palmeiras barrigudas, que nas obras de Krajcberg passaram a levar o nome de “gordinhos” — impressionam por sua verticalidade sintética e esguia. O artista retira a matéria interior do tronco inchado, irregular, mantendo a estrutura externa de suas cascas, que se dobra em si mesma pela abertura vertical. São individualizadas pelas diferentes padronagens que o artista marca a fogo em seus troncos. As listras de espessuras variadas ou manchas arredondadas lembram as padronagens de pinturas corporais, além de recuperar o vocabulário geométrico com um repertório

realmente orgânico. Elas erguem-se como totens, verdadeiros monumentos à vegetação ameaçada.

2. *Sem título (Gordinho)*, década de 1980

Caules de palmeiras calcinados da região de Juruena, Mato Grosso, e pigmentos naturais
Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), Salvador

3. *Sem título (Gordinho)*, década de 1980

Caules de palmeiras calcinados da região de Juruena, Mato Grosso, e pigmentos naturais
Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), Salvador

4. *Sem título*, década de 1980

Pigmentos naturais sobre madeira queimada e hematita

Coleção Fernando Barrozo do Amaral,
Rio de Janeiro

Bailarinas, década de 1980

Entre 1984 e 1987, com Sepp Baendereck, Krajcberg realizou expedições a Juruena, cidade no noroeste do Mato Grosso. A travessia pelo rio Solimões levou-o a uma intensa reflexão, pois a Amazônia da região não era a mesma floresta equatorial exuberante que vira à beira do rio Negro anos antes. Krajcberg deparou-se com queimadas e a devastação em massa, a serviço da pecuária e da abertura de estradas. O choque com a destruição ambiental deu

início a uma nova fase de suas composições esculturais, passando a transportar troncos, cascas e pedaços de madeira carbonizada e cipós para Nova Viçosa. As obras feitas com paxiúba (também conhecida como palmeira sete-pernas ou palmeira andante) assumem uma presença monumental. Conhecidas como *Bailarinas*, em tons de preto e vermelho, ganham formas antropomórficas dado o desenho de sua base piramidal. Nas suas esculturas de árvores queimadas, recuperadas de regiões devastadas pelo fogo no Mato Grosso, Krajcberg dá nova forma a seus corpos, ressignifica suas carcaças.

5. *Sem título (Bailarina)*, década de 1980

Troncos e raízes extraídos de queimadas em Mato Grosso e pigmentos naturais

Paulo Kuczynski Galeria de Arte, São Paulo

6. *Sem título (Bailarina)*, década de 1980

Troncos e raízes extraídos de queimadas em
Mato Grosso e pigmentos naturais

Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da
Bahia (IPAC), Salvador

7. *Sem título*, década de 1980

Madeira residual policromada

Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da
Bahia (IPAC), Salvador

8. *Sem título*, década de 1970

Madeira lavada

Coleção particular, São Paulo

9. *Sem título*, 1972

Madeira lavada

Coleção Roberto Marinho | Instituto Casa

Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil

Mesmo passando longos períodos no Brasil, foi nos anos 1970 que Krajcberg de fato fixou residência no país após adquirir seu terreno em Nova Viçosa, cidade litorânea no sul da Bahia, onde instalou seu ateliê a convite de seu amigo, o arquiteto e designer Zanine Caldas (1919-2001), que idealizava criar uma comunidade artística naquele entorno. Zanine também foi responsável pelo projeto da morada que Krajcberg construía para si, uma casa alicerçada pelo tronco de um pequi-vinagreiro monumental que encontrara em um terreno próximo da região — a Casa da Árvore. A escala de sua obra se modificou

radicalmente quando transferiu seu local de trabalho para Nova Viçosa. São desse período as esculturas de madeira lavada que impressionam por seu polimento e sinuosidade, oscilando entre a robustez de suas curvas tubulares e o interior vazado dos troncos que as ancoram. Produzidas a partir de espécies nativas dos manguezais do lugar, Krajcberg passava, então, a incorporar a árvore como a própria estrutura de suas obras.

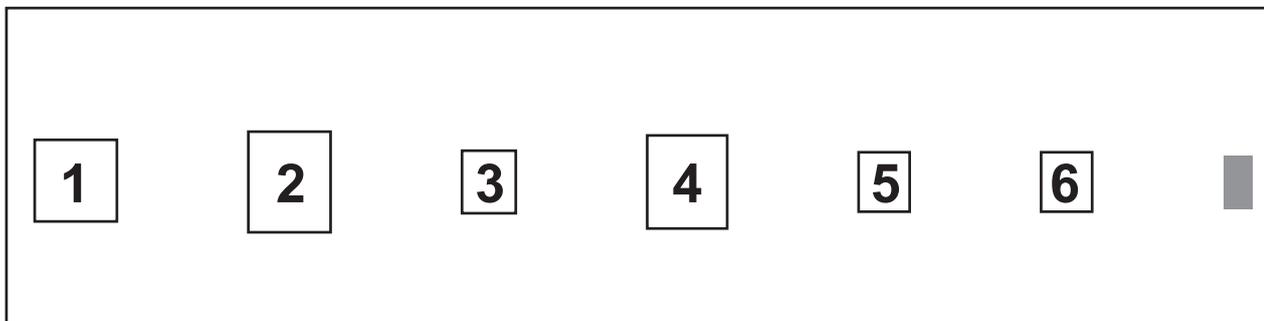
TEXTO DA PAREDE 4

SAMAMBAIAS E VEGETAÇÕES

Após viver entre o Rio de Janeiro e São Paulo em seus primeiros anos no Brasil, em 1952, Krajcberg passou a trabalhar em uma fábrica de papel das Indústrias Klabin, no interior do Paraná. Durante esse período, o artista morou na Fazenda Monte Alegre, em uma pequena cabana para funcionários rodeada de coníferas e araucárias — seu primeiro contato intensivo e cotidiano com a natureza brasileira. O avanço do desmatamento local, no entanto, impulsionado pela expansão da agrícola, causou-lhe imensa frustração. Em 1955, regressou ao Rio de Janeiro, iniciando a produção das *Samambaias*, nas quais retratou a vegetação que viu no Sul do país. Nessas pinturas, Krajcberg enfatiza os

contornos ramificados próprio dessas folhas. Os ziguezagues em composições fortemente rítmicas e geometrizadas transformam-se nos anos seguintes em expressivos emaranhados de radiais e vértices, como folhagens na mata fechada que deixam ver a luz apenas parcialmente. Tons de azul e preto predominam em suas obras dos anos 1950, com protagonismo do gesto do artista reforçando e sobrepondo linhas. Vemos um movimento progressivo de geometrização em sua pintura, que passa a combinar a tinta a aplicação de papéis colados, saturando a superfície da tela para criar texturas que ficam entre a densidade vegetal e a aspereza mineral.

MAPA DA PAREDE 4



FRANS KRAJCBERG

1. *Folhas*, 1955

Óleo sobre tela

Coleção James Acacio Lobo Lisboa,
São Paulo

2. *Sem título (Samambaia)*, 1955

Óleo sobre tela

Coleção Max Perlingeiro, Rio de Janeiro

3. *Sem título (Samambaia)*, 1955

Óleo sobre tela

Coleção de James Acacio Lobo Lisboa,
São Paulo

4. *Abstração*, 1957

Óleo sobre tela

Coleção Max Perlingeiro, Rio de Janeiro

5. *Sem título*, 1957

Óleo sobre tela

Coleção de James Acacio Lobo Lisboa,
São Paulo

6. *Sem título*, 1959

Óleo e papel colado sobre tela

Coleção Bruno Baptistella, São Paulo

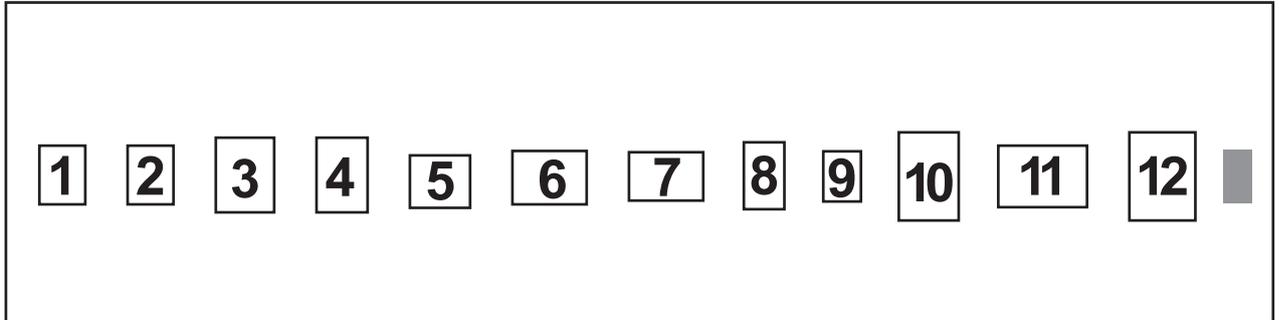
TEXTO DA PAREDE 5

PEDAÇOS DA NATUREZA

No fim dos anos 1950, Krajcberg passou a moldar seu estilo de vida para intensificar o contato com o mundo natural. Retornando à Europa, a partir de 1959, seu perfil nômade o levaria a frequentar regularmente Ibiza, uma das ilhas mediterrâneas da Espanha, onde instalou um ateliê dentro de uma caverna à beira-mar, permanecendo ali por meses a cada verão até meados dos anos 1960. Lá, modificou radicalmente suas técnicas artísticas produzindo os relevos de Ibiza. O papel passaria a ser amplamente explorado: leve, fácil de transportar, poroso ao contato direto do ambiente natural. Imerso na paisagem rochosa de Ibiza, aplicava o papel japonês para fixar o relevo e a aspereza das pedras, posteriormente

tingindo-os em Paris com pigmentos naturais. Na sequência, começou a incorporar os elementos minerais diretamente sobre o painel. O embate com a tradição da pintura ganhava força com seus “quadros de terra”, que utilizavam o solo empedrado diretamente sobre a moldura-caixa. Os contornos da matéria árida aludem aos craquelês da tinta a óleo, enquanto a geometria de seus encaixes organiza passagens cromáticas da infinidade de tons terrosos. A transformação do painel em objeto seguiu em seus “quadros de pedra”, cujas superfícies são preenchidas integralmente com cascalhos. Aqui, qualquer possibilidade de conceber a pintura como janela é negada — bloqueando a vista, ela se aproxima a um muro.

MAPA DA PAREDE 5



FRANS KRAJCBERG

1. *Sem título (Relevo)*, 1961

Pigmentos naturais em papel japonês colado sobre tela

Coleção Andrea e José Olympio, São Paulo

2. *Sem título (Relevo)*, 1961

Pigmentos naturais em papel japonês colado sobre tela

Coleção Max Perlingeiro, Rio de Janeiro

3. *Relevo*, 1963

Óleo sobre papel japonês em relevo sobre madeira

Coleção Paulo Kuczynski Galeria de Arte, São Paulo

4. *Sem título (Relevo)*, 1961

Minerais colados sobre painel de compensado

Coleção Paulo Kuczynski Galeria de Arte, São Paulo

5. *Sem título*, década de 1960

Minerais colados sobre painel de compensado
Coleção Paulo Kuczynski Galeria de Arte,
São Paulo

6. *Sem título*, década de 1960

Minerais colados sobre painel de compensado
IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e
Cultural da Bahia), Salvador

7. *Sem título*, década de 1960

Gravura de tronco sobre papel
Coleção Fernando Barrozo do Amaral,
Rio de Janeiro

8. ***Sem título***, década de 1960

Gravura de tronco sobre papel

Coleção Fernando Barrozo do Amaral,
Rio de Janeiro

9. ***Sem título***, 1964

Gravura de tronco sobre papel

IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e
Cultural da Bahia), Salvador

10. ***Sem título***, 1964

Gravura de tronco sobre papel

IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e
Cultural da Bahia), Salvador

11. *Sem título*, década de 1960

Gravura de tronco sobre papel

IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia), Salvador

12. *Sem título*, década de 1970

Relevo em papel

Coleção Max Perlingeiro, Rio de Janeiro

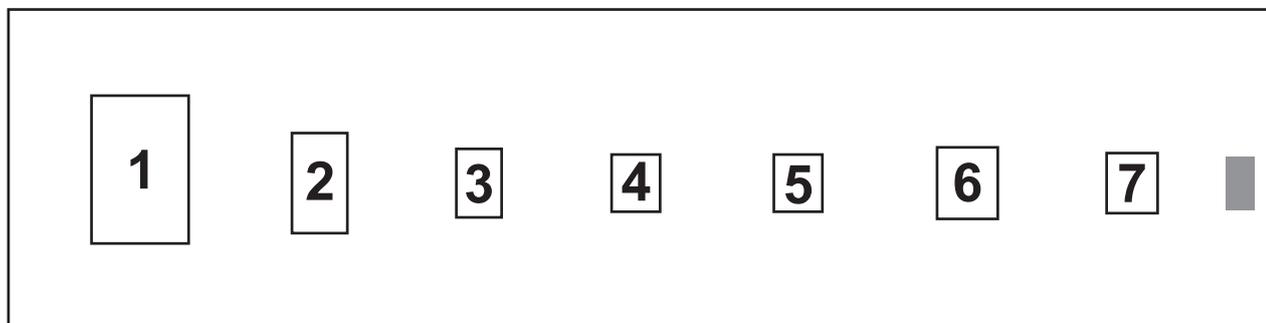
TEXTO DA PAREDE 6

RELEVOS E CASCAS

Retomando práticas com o papel moldado que desenvolveu nos relevos de Ibiza, Krajcberg explorou amplamente técnicas de impressão nos anos 1970 e 1980, após se instalar definitivamente em Nova Viçosa. Primeiros experimentos nesse sentido foram as estampagens das marcas deixadas por ondas na areia da praia. Passaria, então, a aplicar a técnica de moldagem em plantas e folhas. Ao contrário dos relevos em pedra, as moldagens de espécies vegetais fixam a efemeridade da matéria orgânica. Os elementos vegetais também passaram a ser explorados em operações de acúmulo (antes desenvolvida com a aplicação de terra e pedra nos painéis). A partir dos anos

1980, Krajcberg começou a aplicar nos painéis cascas e pedaços da estrutura externa de troncos. As cascas são trançadas e pigmentadas em tons de vermelho, cores que aludem ao calor incandescente do fogo e o aspecto carbonizado da madeira queimada. Incorpora também sementes, como dendê. A superfície plana é saturada pelo acúmulo desses elementos. Paralelamente às suas esculturas de troncos autoportantes, seus trabalhos em painéis de compensado insistem em romper os limites da moldura e do bidimensional, trazendo os elementos naturais muito além de sua dimensão figurativa — e sim como a própria materialidade da obra. Recorrendo aos mais diversos materiais, o artista explora, assim, as infinitas possibilidades que a árvore oferece.

MAPA DA PAREDE 6



FRANS KRAJCBERG

1. *Sem título*, 1976

Papel moldado sobre areia

Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da
Bahia (Ipac), Salvador

2. *Sem título*, 1972

Tinta sobre relevo em papel colado
sobre plástico

Pinacoteca de São Paulo, doação Liuba
Wolf, 1997

3. *Sem título (Relevo)*, década de 1980

Guache sobre relevo em papel sobre tela
Coleção Vera Diniz, São Paulo

4. *Sem título*, 1981

Relevo de papel

Museu de Arte Moderna de São Paulo,
doação Companhia Souza Cruz Indústria e
Comércio, 1981

5. *Sem título*, 1987

Cascas e pigmentos naturais sobre madeira

Paulo Kuczynski Escritório de Arte, São Paulo

6. *Sem título*, década de 1980

Cascas e pigmentos naturais sobre madeira

Paulo Darzé Galeria de Arte, Salvador

7. *Sem título*, 1991

Pigmento sobre madeira

Coleção Max Perlingeiro, Rio de Janeiro

VITRINE

Esta vitrine apresenta uma seleção de catálogos, convites de exposições, fotografias, recortes de jornais e livros sobre Frans Krajcberg. O conjunto traça um percurso por sua vida e obra, revelando sua forte inserção no circuito cultural da época, e destacando algumas de suas principais exposições individuais, como sua monográfica no Centre Georges Pompidou (1976) e a icônica *Imagens do fogo* (1992), realizada no MAM Rio, paralelamente à Eco-92. As fotografias documentam a pluralidade de lugares que o artista habitou e as paisagens que marcaram sua produção, como os relevos pedregosos de Ibiza e a terra avermelhada de Minas Gerais, além de seu ateliê em Paris, onde por décadas produziu suas flores de madeira, gravuras de troncos e sombras recortadas — espaço que hoje abriga o

Espace Frans Krajcberg, dedicado à preservação da obra e do legado do artista. As manchetes dos periódicos apontam para a recepção crítica de sua produção como ecologicamente engajada e militante, recorrentemente mobilizando termos como “grito”, “revolta” e “protesto” para enfatizar sua atuação como ambientalista. Além do material documental, as vitrines exibem dois croquis do arquiteto José Zanine Caldas para a construção da Casa na Árvore do artista no Sítio Natura, onde Krajcberg viveu até o fim da vida; uma edição do *Livroarte* (1976), produzido pela Editora Alumbramento; e diversas publicações organizadas pelo artista com sua obra fotográfica.